

**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Ao FAEPEX/UNICAMP

Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

Programa de Incentivo ao Pós-Doutorado no Exterior (FAEPEX/UNICAMP)

Auxílio “Retorno de Pós-Doutorado no Exterior”

Projeto:

Constituintes Locativos, Sentenças Existenciais e Posição de Sujeito em Variedades Brasileiras e Africanas do Português

Solicitante: Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar

(DL/IEL – MS 3.1 – Matrícula 292289)

Resumo: Este projeto se propõe a mapear paralelismos e contrastes entre variedades brasileiras e africanas do português no que diz respeito à sintaxe das orações existenciais. Serão observadas inovações gramaticais relativas ao emprego de *ter* como verbo existencial, em correlação com propriedades associadas ao parâmetro *pro-drop* e ao comportamento de constituintes locativos em posição de sujeito. O estudo será norteado pelos pressupostos da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros e terá, como ponto de partida, a hipótese de que alterações relativas à marcação *pro-drop*, em associação com propriedades demonstradas por constituintes locativos, promoveram *ter* à condição de verbo existencial nas referidas variedades de português. Os resultados serão analisados à luz dos debates sobre o papel dos africanos e suas línguas na emergência de padrões frásicos que não são usuais no português europeu.

**CAMPINAS
ABRIL, 2015**

Constituintes Locativos, Sentenças Existenciais e Posição de Sujeito em Variedades Brasileiras e Africanas no Português

Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar (IEL/UNICAMP)

1. Introdução

O emprego de *ter* em lugar de *haver* como o verbo canônico das orações existenciais, tal como exemplificado em (1) a seguir, tem sido apontado como uma das diferenças mais significativas entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) nos dias atuais¹.

- (1) a. *Tem* livros na estante. PB: ok / PE: *
b. *Há* livros na estante. PB: ok / PE: ok

Os resultados de estudos recentes em torno do assunto vêm sugerindo que esse contraste pode estar radicado em inovações sintáticas que atuaram sobre as propriedades da posição de sujeito na variedade brasileira, no sentido de restringir o licenciamento de sujeitos nulos com referência definida (Avelar 2009a, 2009b; Marins 2012, 2013). Em linhas gerais, essas inovações impedem que as orações sem sujeito explícito construídas com *ter* sejam naturalmente interpretadas como possessivas (ou seja, como tendo um sujeito nulo definido interpretado como possuidor). Sentenças como a apresentada em (2) a seguir ilustram essa oposição entre as variedades brasileira e europeia: no PE, a construção só é possível se for interpretada como tendo um sujeito nulo definido, de modo que o seu sentido seja equivalente, por exemplo, ao de (3a), que traz um pronome explícito na posição de sujeito; no PB, a mesma construção recebe, na ausência de ancoragem discursiva, uma interpretação existencial, equivalente à construção com *haver* em (3b).

- (2) Tem moedas na carteira.
(3) a. Ele/Ela tem moedas na carteira.
b. Há moedas na carteira.

Esse contraste parece estar atrelado a uma “dificuldade”, por parte dos falantes de PB, de associar um sujeito nulo definido à posição de sujeito de orações como (2), o que bloqueia a interpretação possessiva para *ter*, que é natural no PE. Tal dificuldade pode ser formalmente traduzida pela ideia de que as duas variedades de português são diferentes quanto à marcação do parâmetro *pro-drop*: enquanto o PE é uma *língua canonicamente pro-drop* (ou seja, com baixas restrições à ocorrência de sujeitos nulos definidos), o PB é uma *língua parcialmente pro-drop* (ou seja, com fortes restrições ao licenciamento de sujeitos nulos definidos, embora os sujeitos nulos

¹ Na literatura sobre a variação *ter-haver* na história do português, registram-se casos de sentenças supostamente existenciais com o verbo *ter* em diferentes estágios do português medieval e no português europeu contemporâneo. Os trabalhos de Avelar & Callou (2007) e Avelar (2015) concluem que os casos apresentados não são ocorrências de *ter* como existencial, mas de orações possessivas que admitem interpretação existencial, em função de uma natural intersecção semântica que há entre as expressões gramaticais de posse e existência em qualquer língua natural.

ainda sejam autorizados nesta variedade, principalmente nos contextos de referência indefinida) – ver seção 2.1.

Independentemente de esta explicação estar ou não correta, os estudos comparativos sobre a variação entre *ter* e *haver* na história do português têm, até aqui, ficado restritos às variedades brasileira e europeia. Não são poucos os trabalhos que se voltam ao estabelecimento de comparações entre as duas variedades e procuram descrever o embate entre os dois verbos em diferentes tipos de construções (possessivas, existenciais, participais, modais, de tempo decorrido) nos eixos sincrônico e diacrônico². Até aqui, as variedades africanas têm tido lugar nesse exercício de comparação, pelo menos não com a mesma sistematicidade que têm marcado os estudos sobre PB e PE. Uma das razões que justifica a necessidade de abordar as variedades africanas está no fato de que *ter* vem sendo largamente empregado como existencial no português falado (como primeira e segunda língua) em Angola e Moçambique. As construções em (4) a seguir são orações existenciais com *ter* extraídas de amostras representativas do português angolano e moçambicano, falado respectivamente nas regiões de Cabinda e Maputo³.

(4) PORTUGUÊS ANGOLANO

- a. “lá *tem* dezessete meninas” (Cabinda – Z1, 16:48)
- b. “na igreja *tem* *tido* alguns livros” (Cabinda – C319, 15:54)
- c. “*tem* vários tipos de formas de pescar” (Cabinda – Z30, 01:58 – Parte 2)
- d. “aqui no Zenze não *tem* muitas coisa pra comprar” (Cabinda – Z108, 09:10)

(5) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO

- a. “lá na cidade *tem* muita facilidade” (Maputo – MZ15, p. 2)
- b. “aqui no bairro *tem* as escolas” (Maputo – MZ15, p. 2)
- c. “na cidade não *tem* machamba... mas aqui *tem*” (Maputo – MZ7, p. 3)
- d. “nesse tempo *tinha* lugares pra fazer uma chapa” (Maputo – MZ9, p.5)

Dados desse tipo revelam que, no que tange ao usos de *ter*, as variedades do português emergentes na África vêm se aproximando do comportamento demonstrado pelo PB. Frente a esse primeiro esboço comparativo, há pelo menos três questões relevantes que merecem atenção:

- i. o emprego de *ter* como verbo existencial nas variedades africanas está sendo desencadeado, pelo menos em parte, por propriedades do parâmetro *pro-drop*, tal como vem sendo assumido para os fatos do PB?
- ii. se for este o caso, as propriedades relativas ao parâmetro *pro-drop* e o consequente emprego de *ter* como existencial, tanto nas variedades do português africano quanto no PB, podem ser atribuídos a mudanças gramaticais induzidas por contato interlinguístico? Se se tratar de

² Para estudos sobre a variação entre *ter* e *haver* em diferentes períodos do português, vejam os trabalhos de Mattos e Silva (1989, 1996, 2002), Sampaio (1978) e Viotti (1998), dentre outros.

³ As amostras que serviram à extração desses dados foram coletadas por Anna Jon-And, Laura Álvarez-López e Torun Reite, da Universidade de Estocolmo, no âmbito do projeto *Afro-Latin Linguistics: Language Contact in Intercultural Settings*. Na seção 6, essas amostras serão detalhadas.

mudança, estamos diante da transferência de propriedades das línguas africanas para o português ou de dificuldades associadas à aquisição do português como segunda língua por parte dos africanos?

- iii. se, no caso do PB, as inovações relevantes forem o resultado das dinâmicas de contato interlinguístico que tiveram lugar no processo de formação das variedades do PB, como as mudanças por trás da emergência de *ter* como existencial foram implementadas e difundidas entre essas variedades?

Tendo em vista esse conjunto de questões, o objetivo do presente projeto é mapear as propriedades das orações existenciais entre as variedades africanas do português, no intuito de estabelecer paralelismos e contrastes com o que vem sendo atestado nas variedades brasileiras. Além de verificar se é possível estabelecer uma correlação entre o uso existencial de *ter* e a marcação do parâmetro *pro-drop*, a investigação também irá se ocupar do estatuto de constituintes locativos no interior das construções existenciais, uma vez que a possibilidade de atribuir valor existencial a verbos estativos tem sido largamente associada a propriedades sintáticas demonstradas por expressões dessa natureza (Lyons 1967, Clark 1978, Freeze 1992, entre outros). Assim, além das três perguntas enumeradas acima, serão consideradas as seguintes:

- iv. o uso de *ter* como existencial nas variedades africanas do português está atrelado a mudanças no comportamento dos constituintes locativos, em contraste com o PE? Mudanças do mesmo tipo podem ser detectadas na história do PB?

A hipótese inicial norteadora do projeto é a de que o emprego de *ter* como existencial, tanto no PB quanto nas variedades do português africano, deriva de alterações no parâmetro *pro-drop* que desencadearam a dificuldade de interpretar sujeitos nulos definidos na posição de sujeito das construções possessivas, bem como passaram a possibilitar a inserção de constituintes locativos preposicionados nessa mesma posição. A investigação também irá indagar a respeito do gatilho externo desencadeador dessa emergência, procurando situar a questão nos debates que têm marcado os estudos sobre a influência do aporte linguístico africano na gênese de variedades do português, tal como sugerido na questão apresentada em (ii). O projeto dá, assim, continuidade à pesquisa que foi desenvolvida no estágio pós-doutoral do solicitante, intitulada *Constituintes Locativos e Direcionais em Afro-variedades de Português e Espanhol*, que tinha, entre os seus objetivos, observar o comportamento sintático de expressões espaciais indicativas de *lugar onde* e *lugar para onde* em diferentes padrões frásicos das referidas variedades. A pesquisa foi realizada com financiamento da FAPESP (processo PE 2013/07112-9 – ver documentos anexos), junto à equipe do projeto coletivo *Afro-Latin Linguistics: Language Contact in Intercultural Settings*, entre agosto de 2013 e agosto de 2014, na Universidade de Estocolmo.

Nas seções que se seguem, serão destacados os pressupostos teóricos e os objetivos gerais da investigação, bem como as hipóteses de trabalho e a metodologia a ser explorada para levantamento, descrição e análise dos dados. Também serão apresentados o cronograma de trabalho e o orçamento para os recursos necessários ao desenvolvimento da pesquisa.

2. Pressupostos teóricos

O quadro teórico que servirá de base à análise dos fatos gramaticais que interessam diretamente à investigação será o da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1995). O projeto também irá buscar suporte em reflexões que têm orientado os trabalhos sobre aquisição de segunda língua na perspectiva gerativista, tomando como ponto de partida os estudos de White (2003) e Meisel (2011).

Diante da necessidade de abordar a variação entre *ter* e *haver*, o estudo seguirá, em termos metodológicos, a proposta de Tarallo & Kato (1989), na esteira do que se convencionou chamar de *sociolinguística paramétrica* (ver seção 6). Dentro dessa proposta, a formalização de fatos gramaticais à luz de pressupostos gerativistas pode se apoiar em metodologias aplicadas nas análises variacionistas para fundamentar suas conclusões; da mesma forma, abordagens variacionistas podem explorar pressupostos formais na análise de dados, nos moldes de Labov (1972). Estudos como os de Adger & Smith (2005) advogam em favor dessa visão, trazendo resultados obtidos a partir de dispositivos metodológicos que procuram conciliar o arcabouço do Programa Minimalista com ferramentas de análise largamente empregadas nos estudos sociolinguísticos labovianos.

Será apresentado a seguir o conjunto de pressupostos que interessam mais diretamente ao projeto, em particular no que diz respeito ao parâmetro *pro-drop*, às construções existenciais e aos constituintes locativos.

2.1 Parâmetro *pro-drop* e sentenças existenciais

Para considerações a respeito do parâmetro *pro-drop*, o estudo irá se basear mais de perto na coletânea de trabalhos publicados em Biberauer *et al.* (2010), nos quais se recorre à seguinte classificação para as línguas naturais quanto às propriedades de licenciamento de sujeitos nulos definidos e indefinidos:

- (i) **línguas pro-drop radicais**, como o chinês, nas quais o sujeito nulo é preferencial nos contextos de referência definida e indefinida;
- (ii) **línguas pro-drop canônicas**, como o PE, o espanhol e o italiano, nas quais o sujeito nulo é preferencial nos contextos de referência definida, mas tendem a ser

fonologicamente realizados nos de referência indefinida (no PE, por exemplo, o *se* é canonicamente realizado nos contextos de referência indefinida);

- (iii) **línguas pro-drop parciais**, como o PB, o marathi e o islandês, nas quais há fortes restrições à realização de sujeitos nulos definidos, mas não à realização dos indefinidos (Holmberg *et al.* 2009);
- (iv) **línguas não pro-drop**, como o inglês e o francês, que apresentam fortes restrições à realização de sujeitos nulos definidos e indefinidos.

Na literatura sobre o parâmetro *pro-drop* relativa a fatos do português, tem sido consensual a ideia de que as variedades brasileira e europeia são diferentes quanto a propriedades da posição de sujeito: conforme ressaltado na seção 1, enquanto o PE é uma *língua pro-drop canônica*, o PB exibe propriedades que permitem caracterizá-lo como sendo uma *língua pro-drop parcial*. Os trechos de fala reproduzidos a seguir exemplificam um importante efeito desse parâmetro no PB: nos contextos de referência definida, exemplificados em (6), falantes de PB tendem a explicitar o pronome em posição de sujeito (todos referentes ao tópico discursivo, expresso pelo SN *essa minha tia*), enquanto o PE tende à realização de sujeitos nulos em contextos desse tipo (Duarte 1995); já nas sentenças do PB com sujeitos de referência indefinida, exemplificadas em (7), nenhum elemento é requerido na posição de sujeito, situação na qual os falantes do PE necessariamente inserem o pronome *se* junto ao verbo para marcar o caráter indefinido.

- (6) Sujeitos de referência definida no português brasileiro

Essa minha tia que mora aqui, ela é solteirona e eu acho que ela é super-feliz, sabe? Eu não acho que ela seria feliz assim... Ela é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. Ela – isso é até um pouco de defeito – ela pensa muito mais nos outros do que nela, né. Mais eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada... É que a vida não ficou a dever, entendeu, nada. Foi uma opção dela ficar solteira. Ela não ficou solteira porque não apareceu pretendente. Ela ficou solteira porque ela quis. (Duarte 1995:46)

- (7) Sujeitos de referência indefinida no português brasileiro

FALANTE A: *Me diz passo a passo como é que faz um feijão.*

FALANTE B: *É... escolhe ele, lava, deixa de molho, deixa uma hora de molho, aí depois – de um dia pro outro né? – aí de manhã VOCÊ pega uma panela de pressão, um pouquinho d'água, um dente alho, um louro, cebola e o feijão e água, carne seca... e deixa cozinhar.* (Avelar & Callou 2011)

É largamente assumido que a redução do paradigma verbo-flexional está na base desse contraste entre as duas variedades, tal como ilustrado em (8) a seguir. em comparação com o PE, cujo sistema flexional permite distinguir claramente as três pessoas do discurso, no singular e no plural, o português brasileiro apresenta um sistema reduzido em termos flexionais (tanto na variedade dita *culta* ou *padrão* quanto na *popular*), com a única distinção clara sendo observada na primeira pessoa do singular. Frente a essa simplificação, a expressão fonológica do sujeito passou a

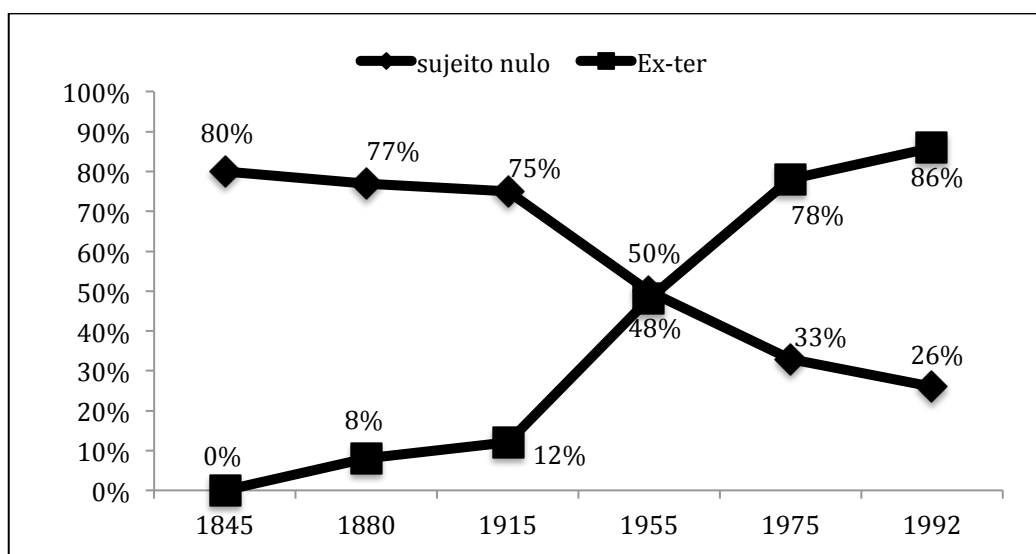
ser mais frequente do que no português europeu, uma vez que o paradigma flexional não consegue recuperar com facilidade o referente discursivo do sujeito.

(8) PE	PB CULTO	PB POPULAR
eu falo	eu falo	eu falo
tu falas	você/tu fala	você/tu fala
ele fala	ele fala	ele fala
nós falamos	a gente fala / nós falamos	a gente/nós fala
vós falais / vocês falam	vocês falam	vocês fala
eles falam	eles falam	eles fala

Avelar (2009a, 2009b) e Marins (2012, 2013) argumentam que uma das consequências da alteração do parâmetro *pro-drop* está exatamente no emprego de *ter* como verbo existencial. Conforme destacado na introdução deste projeto, sentenças em que *ter* não apresentam um sujeito fonologicamente explícito tendem a ser interpretadas como existenciais por falantes do PB, contrariamente ao que se observa entre os falantes de PE, que preservam a interpretação possessiva. Os autores concluem que são as restrições para o licenciamento de sujeitos nulos definidos o fator responsável pelo uso existencial de *ter*. Essa correlação fica evidente na figura apresentada em (9) a seguir, que traz um panorama obtido a partir dos resultados apresentados em Duarte (1995) e Marins (2012), com base em peças teatrais brasileiras produzidas entre 1845 e 1992: o percentual de sujeitos nulos nas peças teatrais cai de 80% em 1845 para 26% em 1992, enquanto o das existenciais com *ter* vai de 0% a 86% no mesmo período. O paralelo entre a diminuição da frequência de sujeitos nulos e a ampliação da frequência de orações existenciais com *ter* é evidente, o que reforça a hipótese de que mudanças no parâmetro *pro-drop* afetaram a interpretação das construções com *ter* no PB, resultando no uso desse verbo como o existencial canônico da língua.

(9)

Frequência de sujeitos nulos e sentenças existenciais com *ter* em textos de peças de teatro no decurso dos séculos XIX e XX (números baseados em Duarte (1995) e Marins (2012))



A partir desses resultados, que levam em consideração o papel da marcação *pro-drop* no estatuto das orações com *ter*, o presente projeto irá indagar se o uso desse verbo como existencial nas variedades africanas do português também pode ser correlacionado a propriedades atreladas ao mesmo parâmetro, da mesma forma que no PB.

2.2 Locativos em posição de sujeito na configuração das orações existenciais

Seguindo a proposta de Freeze (1992), o projeto irá explorar a ideia de que as orações existenciais trazem constituintes locativos na posição de sujeito, seja um sintagma nucleado por categorias lexicais como preposições e advérbios, seja uma “proforma” locativa que geralmente se comporta como um pronome expletivo fonologicamente realizado (como o *there* do inglês e o *y* do francês) ou nulo.

Especificamente para o caso do PB, os resultados apresentados preliminarmente em Avelar (em preparação) mostram que as primeiras ocorrências de *ter* como verbo tipicamente existencial em fontes escritas do século XIX trazem um constituinte locativo em posição imediatamente pré-verbal em cerca de 70% dos casos, como em (10) a seguir; nos casos com *haver*, esse percentual não ultrapassava os 20%. Se essa posição pré-verbal corresponder à posição de sujeito, o que esses números podem revelar é que, para além de inovações da marcação *pro-drop*, a maciça entrada de constituintes locativos preposicionados em posição de sujeito também pode ter atuado para que o verbo possessivo passasse a admitir a interpretação existencial.

(10) Português brasileiro – Século XIX

- a. “*Na primeira Preença tem* farinha de superior qualidade, vinda do Rio de Janeiro” (Anúncios, Idade d’Ouro do Brazil/Bahia, 22/12/1818)
- b. “*no livro já tinha* recibos de quantias maiores” (Cartas de Leitor, Jornal de Noticias/Bahia, 06/03/1896)
- c. “*Na loja de fazendas de Desiderio Antonio de Miranda, na rua da l’alma n° 35, tem* para vender um lindo e variado sortimento de fazendas francezas” (Anúncios, O Cearense, 18/10/1846)
- e. “*na casa tem* muito commodo” (Anúncios, Correio Paulistano, 20/08/1879)

Especificamente no que diz respeito ao português africano, o projeto irá observar o comportamento de constituintes locativos no interior de estruturas das variedades angolana e moçambicana, para depreender em que medida esse comportamento pode revelar propriedades que vêm entrando em jogo na determinação de *ter* como verbo existencial.

3. Objetivos

Considerando o exposto até aqui, os pontos listados abaixo compõem os objetivos específicos do projeto, em adição ao objetivo principal, que é o de mapear paralelismos e contrastes entre

variedades brasileiras e africanas do português no que diz respeito a propriedades das orações existenciais:

- i. verificar se, nas variedades angolana e moçambicana, é possível relacionar a emergência de *ter* como verbo existencial a particularidades do parâmetro *pro-drop*, tal como vem sendo estabelecido para o PB;
- ii. observar em que medida os fatos atestados no PB e nas variedades africanas confirmam propostas como a de Freeze (1992) para o estatuto do constituinte locativo no interior das orações existenciais – a saber, a hipótese de que tais constituintes ocupam, ou podem ocupar, a posição de sujeito dessas orações;
- iii. verificar se as propriedades demonstradas pelas existenciais mostram diferenças que são sensíveis ao estatuto do português como primeira (L1) ou segunda língua (L2) em Angola e Moçambique;
- iv. situar os resultados alcançados pelo projeto nos debates acerca do papel desempenhado pelos africanos e suas línguas na emergência de novas variedades do português. O projeto irá discutir se a emergência de *ter* como verbo existencial se deve à transferência de propriedades gramaticais das línguas bantas que são faladas como L1 em Angola e Moçambique e/ou se estamos diante de um resultado produzido pela dificuldade de adquirir, por parte dos africanos, traços particulares do português. Ao mesmo tempo, o projeto irá indagar se o uso de *ter* como verbo existencial canônico no PB pode ser atribuído ao aporte linguístico africano introduzido no Brasil no decurso de quase quatro séculos;
- v. a partir da literatura especializada nas áreas de interesse do projeto, levantar propriedades das línguas bantas relativas às construções existenciais, ao parâmetro *pro-drop* e ao comportamento de constituintes locativos, no intuito de verificar em que medida essas propriedades vêm sendo herdadas pelas variedades emergentes do português em Angola e Moçambique;
- vi. transcrever e editar amostras representativas do português falado em Angola e Moçambique, com vistas ao levantamento de dados que interessam diretamente ao projeto, bem como a outras linhas de investigação que vem sendo desenvolvidas em paralelo por pesquisadores do grupo *Estudos Linguísticos Afro-Latinos*. Essas amostras serão futuramente disponibilizadas na rede mundial de computadores.

5. Hipóteses iniciais

A hipótese a ser tomada como ponto de partida é a de que, nas variedades angolana e moçambicana, o emprego de *ter* como verbo existencial resulta da confluência de dois fatores: (i) traços inovadores relativos à marcação do parâmetro *pro-drop*, tal como observado no PB e (ii)

possibilidade de inserir constituintes locativos preposicionados na posição de sujeito em diferentes padrões frásicos, reproduzindo uma propriedade largamente observada entre as línguas bantas – a *inversão locativa*.

A respeito do fator indicado em (i), a pesquisa irá investigar se as variedades emergentes em Angola e Moçambique exibem marcas que são típicas das línguas parcialmente *pro-drop*, como o PB. Caso a hipótese não seja confirmada, o estudo procurará determinar como as propriedades demonstradas pela posição de sujeito nessas variedades entram em jogo para “autorizar” a leitura existencial das orações com *ter*.

Sobre o fator indicado em (ii), há inúmeros estudos na literatura sobre as línguas bantas a respeito da chamada *inversão locativa*. Esse tipo de inversão se caracteriza, nas línguas desse grupo, pela entrada de constituintes locativos não-argumentais na posição gramatical de sujeito e, por consequência, no estabelecimento da concordância desses constituintes com a flexão verbal. Línguas como o quimbundo, largamente falada na região de Luanda, exibe essa propriedade, como no exemplo em (11) a seguir: o constituinte locativo *bu kibuna kiami* ‘no meu banco’ é inserido em posição pré-verbal e passa a concordar com o verbo (*buala* ‘está’) em lugar do sujeito lógico da oração (*o kamba rieno* ‘o amigo teu’), que é realizado em posição pós-verbal. A concordância com o sintagma de interpretação locativa é morfologicamente evidenciada pelo prefixo *bu-* (em negrito), que introduz o constituinte locativo e aparece reproduzido junto ao verbo *-ala* ‘estar’.

(11) QUIMBUNDO (<http://www.linguakimbundo.com/index3.html>)

bu kibuna kiami **buala** o kamba rieno
no meu banco está o amigo teu
“O teu amigo está no meu banco.”

Alguns dados analisados em Gonçalves (2010), apresentados em (12a)-(12b) a seguir, sugerem fortemente que o português falado como L2 em Maputo reproduz padrões frásicos similares aos da inversão locativa detectada nas línguas bantas faladas como L1 nessa região. Analisando dados extraídos de blogs da internet publicados no Brasil, os trabalhos de Avelar (2015), Avelar & Cyrino (2008) e Avelar, Cyrino & Galves (2009) destacam que esse mesmo padrão é encontrado no PB, tal como nos exemplos em (13a)-(13d) abaixo. As paráfrases apresentadas em (13a’)-(13d’) indicam que o termo locativo preposicionado em posição pré-verbal corresponde ao argumento externo do verbo. Os trabalhos de Avelar (2015) e Avelar & Galves (2013, 2014) chamam a atenção ainda para o fato de que, tal como nas línguas bantas, o PB exibe construções nas quais constituintes locativos não-argumentais desencadeiam concordância com a flexão verbal, como em (14), resultando nas chamadas construções de *tópico-sujeito* (Pontes 1987).

(12) PORTUGUÊS MOÇAMBICANO – L2 (Gonçalves 2010: p. 157; 160)

a. “**na minha casa** é perto da estrada”

a’. *A minha casa* é perto da estrada.

b. “**no centro dele** é aqui”

b’. *O centro dele* é aqui.

(13) PORTUGUÊS BRASILEIRO

a. “**Na escola** ensina disciplinas, conceitos, idéias”⁴

a’. *A escola* ensina disciplinas...

b. “O boleto venceu dia 25/07, como faço para pagar [se] **no banco** não recebe mais[?]”⁵

b’. ...*o banco* não recebe mais.

c. “Quero saber se **no hospital** atende paciente de Jataí para fazer cirurgia”⁶

c’. Quero saber se *o hospital* atende paciente de Jataí para fazer cirurgia.

d. “**no meu computador** imprime a etiqueta corretamente”⁷

d’. *O meu computador* imprime a etiqueta corretamente.

(14) PORTUGUÊS BRASILEIRO

a. “**algumas concessionárias** tão caindo o preço [do carro]”⁸

a’. *Em algumas concessionárias* tá caindo o preço do carro.

b. “apenas **3 desses cinco monitores** aparecem imagem”⁹

b’. Apenas *em 3 desses cinco monitores* aparece imagem.

c. “No interior de SP e do Rio, **algumas cidades** nevam”¹⁰

c’. No interior de SP e do Rio, *em algumas cidades* neva.

Essa convergência entre o PB e o português moçambicano no que tange à entrada de constituintes locativos preposicionados em posição de sujeito, em claro contraste com o PE, sugere que a sintaxe do PB foi afetada por mudanças induzidas por contato, reproduzindo padrões que comuns às línguas bantas maternas dos africanos introduzidos aqui como escravos. Essa mesma inovação sintática deve, por outro lado, ter atingido também as construções com *ter*, produzindo o valor existencial para esse verbo, nos termos de Freeze (1992) – ver seção 2.2. Pode resultar daí a alta frequência de constituintes locativos preposicionados junto ao verbo *ter* no recorte diacrônico

⁴ <http://www.slideshare.net/AdrianaPereiraNeriNeri/os-meios-na-escola-9123884>

⁵ https://www.google.se/search?q=%22no+banco+recebe%22&rlz=1C1SFXN_enSE565SE565&oq=%22no+banco+recebe%22&aqs=chrome..69i57j0.3488j0j8&sourceid=chrome&espv=210&es_sm=93&ie=UTF-8#q=%22no+banco+n%C3%A3o+recebe%22

⁶ <https://www.facebook.com/pages/Hospital-S%C3%A3o-Lucas-de-Mineiros-Ltda/167040896690477>

⁷ <http://www.suportegas.com.br/portal/topic.asp?>

⁸ <http://forum.carrosderua.com.br/index.php?showtopic=122656>

⁹ <http://linuxeducacional.com/mod/forum/discuss.php?d=1587>

¹⁰ http://www.youtube.com/all_comments?v=IIOPh-mITyc

do PB em que esse verbo começa a ser usado como existencial, no século XIX (ver os dados apresentados em (10)).

Se a hipótese aqui delineada se mostrar correta, uma das questões a serem tratadas no escopo do projeto é a de saber como os efeitos da inversão locativa interagiram (no caso do PB) ou vêm interagindo (no caso das variedades africanas) com a marcação do parâmetro *pro-drop* para determinar o uso de *ter* como verbo existencial.

6. Metodologia

O projeto irá proceder ao levantamento e análise de dados em amostras representativas do português falado como L1 e L2 em Angola e Moçambique. Para estabelecer um quadro comparativo apropriado à análise, a pesquisa também irá levantar dados em amostras do que se convencionou chamar de *português afro-brasileiro*, coletadas com indivíduos de diferentes regiões do país residentes em afro-comunidades rurais.¹¹ Os *corpora* a serem utilizados vêm descritos a seguir:

Português Africano

- i. **Cabinda/Angola:** material coletado por pesquisadores do projeto *Afro-Latin Linguistics* (Anna Jon-And, Laura Álvarez López, Torun Reite) em junho de 2014, na região de Cabinda. Perfazendo cerca de 22 horas de gravação, a amostra abarca quarenta entrevistas com falantes de português como L1 ou L2, entre 10 e 30 anos de idade. O material, que foi integralmente cedido pelos coletadores, será transcrito e editado com os recursos a serem destinados a este projeto.
- ii. **Maputo/Moçambique-I:** material coletado por pesquisadores do projeto *Afro-Latin Linguistics* (Laura Álvarez López e Torun Reite) em março de 2015, na região de Maputo. A amostra contém 15 entrevistas, totalizando cerca de 12 horas de gravação com falantes L1 e L2 de português, entre 18 e 26 anos de idade. Em conjunto com o material de Cabinda/Angola, as entrevistas foram cedidas pelos coletadores e serão transcritas e editadas com os recursos a serem destinados a este projeto.
- iii. **Maputo/Moçambique-II:** amostra com 21 informantes moçambicanos falantes de português como L2, totalizando cerca de 14 horas de gravação. O material foi coletado pela

¹¹ A definição de *afro-comunidades* foi, dentro do projeto, assumida com base nos critérios sugeridos em Lucchesi, Baxter, Silva & Figueiredo (2009) para estabelecer o que chamam de *português afro-brasileiro*. De acordo com os autores, as comunidades afro-brasileiras “se definem pelos seguintes parâmetros: (i) são compostas majoritariamente por descendentes diretos de escravos africanos que se fixaram em localidades remotas do interior do país e de difícil acesso; (ii) mantiveram-se em relativo isolamento até a segunda metade do século XX; (iii) sua principal atividade econômica é agricultura de subsistência” (p. 75). Estendendo esses critérios ao caso do espanhol, o projeto se debruçou sobre amostras de fala de afro-comunidades da América Latina (Bolívia, Brasil, Cuba e República Dominicana), que incluirão comunidades nas quais pelo menos os parâmetros indicados em (i) e (ii) são atendidos.

pesquisadora Anna Jon-And entre 2007 e 2008 para o desenvolvimento de sua tese de doutoramento (Jon-And 2012) e disponibilizada para todos os participantes do *Afro-Latin Linguistics*. A amostra foi inteiramente transcrita por alunos da UNICAMP com recursos do SAE entre 2012 e 2014, e se encontra em processo de edição final.

Português Afro-Brasileiro

- i. **Cafundó/São Paulo:** entrevistas com moradores da comunidade de Cafundó (Sorocaba-SP), organizadas pelos Profs. Carlos Vogt e Peter Fry entre o final da década de 70 e início da de 80, com cerca de 82 horas de gravações. O material compõe o “Projeto Cafundó”, como parte do acervo pertencente ao CEDAE/IEL (Centro de Documentação Alexandre Eulálio). Para o desenvolvimento da pesquisa, serão utilizadas 8 entrevistas, que perfazem cerca de 6 horas de gravação. Os arquivos de áudio do “Projeto Cafundó”, que foram inteiramente digitalizados em 2013 por meio de um convênio entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de Estocolmo, podem ser integralmente acessados no seguinte endereço: <http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/>.
- ii. **Helvécia/Bahia:** transcrições de 20 entrevistas que compõem as amostras de fala dos moradores da comunidade rural afro-brasileira de Helvécia, cedidas pelo projeto intitulado *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia* (<http://www.vertentes.ufba.br/home>), sob a coordenação do Prof. Dante Lucchesi (UFBA).
- iii. **Moquém/Alagoas:** transcrições de entrevistas com 14 moradores da comunidade quilombola de Moquém, apresentadas na coletânea *Resquícios de Palmares: o que uma comunidade quilombola nos diz*, sob a organização da Profa. Denilda Moura (UFAL).
- iv. **Amostras do Projeto IPHAN/USP (Jurussaca/Pará, Bom Despacho e Milho Verde/Minas Gerais):** áudio e transcrições de entrevistas com moradores das comunidades quilombolas em Jurussaca (Pará) e Bom Despacho e Milho Verde (Minas Gerais), disponibilizadas pelo projeto *Comunidades Quilombolas – IPHAN/USP*, desenvolvido sob a coordenação das Profas. Dras. Margarida Taddoni Petter (USP) e Márcia Santos Duarte de Oliveira (USP). O material se encontra disponibilizado no seguinte endereço: <http://www.fflch.usp.br/dl/indl/index.php>. Para a pesquisa, serão utilizadas 11 entrevistas da comunidade paraense e 10 entrevistas das comunidades em Minas Gerais.

Visando ao processamento dos dados coletados, será utilizado o pacote de programas que compõem o GoldVarb X, como vistas à apreensão de fatores intra- e extralinguísticos relevantes à variação entre *ter* e *haver* como verbos existenciais nas amostras referidas. Paralelamente à análise quantitativa, o estudo irá proceder à análise qualitativa, com base nos pressupostos teóricos

destacados na seção 2. Os resultados alcançados poderão ser comparados com outros já obtidos a respeito das orações existenciais em diferentes variedades do PB (por exemplo, a fala carioca, abordada em Callou & Avelar 2000 e Avelar & Callou 2011; os falares baiano e paulista, em Gonçalves 2012; e o falar paraibano, em Silva 2004, entre outros).

Conforme ressaltado no item v da seção 3, um dos objetivos do projeto é transcrever, editar e publicar entrevistas com angolanos e moçambicanos, disponibilizadas entre os integrantes do grupo de pesquisa *Estudos Linguísticos Afro-Latinos*, por meio do projeto *Afro-Latin Linguistics: Language Contact in Intercultural Settings*. Sem esse trabalho de transcrição, não será possível proceder à adequada coleta de dados de boa parte das amostras do português angolano e moçambicano. Parte do financiamento deste projeto será, assim, destinada ao custeio de serviços necessários à elaboração de *corpora*, tal como especificado na seção 8 (Orçamentos).

7. Cronograma

	2015		2016				2017	
	jul-set	out-dez	jan-mar	abr-jun	jul-set	out-dez	jan-mar	abr-jun
Pesquisa bibliográfica sobre tópicos relevantes à pesquisa	X	X						
Transcrição e revisão das entrevistas	X	X	X	X				
Coleta, descrição e análise de dados		X	X	X	X	X		
Elaboração de comunicações para apresentação em congressos		X	X	X	X	X	X	X
Elaboração de artigos para submissão em periódicos				X	X	X	X	X
Elaboração do relatório de pesquisa							X	X
Edição e publicação das entrevistas na internet								X

8. Orçamento

ITEM	JUSTIFICATIVA	VALOR
Serviço de terceiros para transcrição, edição e publicação de <i>corpora</i>	O projeto terá de proceder ao levantamento de dados em amostras de fala do português angolano e moçambicano. Para otimizar o levantamento, as amostras precisam ser transcritas. Concluídas a transcrição e edição, os documentos serão disponibilizados para uso de outros pesquisadores do projeto <i>Afro-Latin Linguistics</i> , bem como serão publicadas na internet após a conclusão das pesquisas (ver seção 6).	R\$ 3.000,00
Aquisição de livros	É necessário adquirir títulos para ampliar a pesquisa bibliográfica em torno das línguas bantas e dos tópicos de análise linguística que interessam ao projeto.	R\$ 5.000,00
Diárias e transportes para participação em reuniões no exterior	As reuniões visarão à apresentação de trabalhos para divulgação e discussão dos resultados alcançados no projeto. Entre essas reuniões, pode-se incluir 1 apresentação de trabalho em eventos internacionais relevantes na área do projeto e/ou 1 viagem para reuniões de trabalho e realização de atividades acadêmicas relacionadas à pesquisa, no âmbito do intercâmbio de pesquisa entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade de Estocolmo.	R\$ 7.000,00
TOTAL		R\$ 15.000,00

Referências bibliográficas

- ADGER, D.; SMITH, J. Variation and the minimalist program. In: Cornips, L.; Corrigan, K (Orgs.). *Syntax and Variation – Reconciling the Biological and the Social*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 149-178.
- AVELAR, J. On the emergence of TER as an existential verb in Brazilian Portuguese. In: CRISMA, P. & LONGOBARDI, G. (Orgs.). *Historical syntax and linguistic theory*. Oxford: Oxford University Press, 2009a. p. 158-175.
- _____. The comitative-copular basis of possessive-existential constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009b. p. 139-160.
- _____. Sobre a emergência das construções de tópico-sujeito no português brasileiro: mudança desencadeada por contato? In: AVELAR, J; ÁLVAREZ-LÓPEZ, L. (Eds.). *Dinâmicas Afro-Latinas: Língua(s) e História(s)*. Frankfurt: Peter Lang, 2015. p. 127-148.
- _____. *Orações possessivas e existenciais na história do português brasileiro*. Submetido à coletânea “Para a História do Português Brasileiro – Mudanças Sintáticas”. Em preparação.
- _____; CALLOU, D. Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: CASTILHO, A. *et al.* (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2007. p. 375-402.
- _____; _____. Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: SILVA, A. G; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Orgs.). *Línguas Pluricêntricas – Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Aletheia, 2011. p. 287-300.
- _____; CYRINO, S. Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro. *Linguística – Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 3, p. 218-249, 2008.
- _____; CYRINO, S.; GALVES, C. Locative inversion and agreement patterns. In: PETTER, M.; MENDES, R. B. (Orgs.). *Exploring the African language connection in the Americas – Proceedings of the Special Wocal* (São Paulo, 2008). São Paulo: Humanitas, 2009. p. 207-221.
- _____; GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: MOURA, M. D.; SIBALDO, M. A. (Eds.). *Para a história do português brasileiro*. Maceió: EdUFAL, 2013. p. 103-132.
- _____; _____. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro. *Linguística – Revista da ALFAL*, 30(2), p. 239-286, 2014.
- BIBERAUER, T.; HOLMBERG, I. ; ROBERTS, I. & SHEEHAN, M. *Parametric variation. Null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CALLOU, D ; AVELAR, J. 2000. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Gragoatá*, 9, p. 85-114, 2000.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CLARK, E. Locationals: existential, locative and possessive constructions. In: GREENBERG, J. (Org.). *Universals of Human Languages*. V. 4. Stanford: Stanford University Press, 1978. p. 85-126.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1995.

- FREEZE, R. Existential and other locatives. *Language*, 68, p. 553-595, 1992.
- GONÇALVES, E. *Ser ou não ser: eis a questão – Construções existenciais com o verbo SER no português brasileiros contemporâneo*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2012.
- GONÇALVES, P. *A génese do português de Moçambique*. Lisboa: INCM, 2010.
- HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, 63, p. 59-97, 2009.
- JON-AND, A. Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Departamento de Espanhol, Português e Estudos Latino-Americanos, Universidade de Estocolmo. 2012.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, A.; FIGUEIREDO, C. O português afro-brasileiro: as comunidades analisadas. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 75-99.
- LYONS, J. A Note on Possessive, Existential, and Locative Sentences. *Foundations of Language*, 3, p. 390-396, 1967.
- MARINS, J. As sentenças existenciais no PB: ecos da mudança na marcação paramétrica. In: DUARTE, M. E. L. (Org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012. p. 83-100.
- _____. *Ter, Haver e Existir: a representação do sujeito pronominal nas construções existenciais numa perspectiva diacrônica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.
- MATTOS E SILVA, R. V. 1989. *Estruturas trecentistas*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989.
- MATTOS E SILVA, R. V. A variação haver/ter. In: MATTOS E SILVA, R. V. (org). *A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA/UEFS/CNPq, 1996. p. 181-194.
- MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de “ter” sobre “haver” nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. L. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. 119-142.
- MEISEL, J. *First and second language acquisition – Parallels and differences*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.
- SAMPAIO, M. L. P. *Estudo diacrônico dos verbos “ter” e “haver”, duas formas em concorrência*. Assis: Negro, 1978.
- SILVA, R. N. A. A variação “ter/haver” na fala pessoense. In: HORA, D. (Org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa, ILAPEC, 2004. p. 219-234.
- TARALLO, F; KATO, M. Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra linguística. *P(redição)*, 6, p. 1-41, 1989.
- VIOTTI, E. *Uma história sobre “ter” e “haver”*. Caderno de Estudos Lingüísticos, 34, p. 41-65, 1998.
- WHITE, L. *Second language acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.